

SÃO PAULO REVISITADA: UM OLHAR PAULISTANO

Gilberto Figueiredo Martins*

Resumo:

O texto refaz, de modo ensaístico, o percurso do escritor Mário de Andrade pelas ruas de São Paulo, através da leitura em série dos poemas de Lira Paulistana, publicado postumamente.

Palavras-chave:

Modernismo brasileiro; poesia modernista; Mário de Andrade; São Paulo.

1. Retrato em branco-e-preto

Reler *Lira Paulistana*, de Mário de Andrade, em meio às comemorações do 441º aniversário de São Paulo, é, mais do que mero pretexto para diletante prazer literário, uma oportunidade para compartilhar com o mais paulista dos poetas sua visão privilegiada da cidade. Tendo sido publicados no ano da morte do escritor - 1945 -, os poemas desse livro servem como uma espécie de testamento, trazendo o depoimento definitivo sobre a cidade que ele insistentemente retratou, na qual nasceu e onde passou a maior parte de sua vida.

O primeiro texto da série já justifica o título do livro, indicando o caráter musical dos poemas ("Lira") e reforçando o qualificativo "paulistana", que por si só denuncia a musa inspiradora e o objeto a ser cantado. Além disso, antecipa que o olhar lançado pelo poeta sobre a cidade está longe de ser um olhar idealizador, de caráter ufanista, sendo antes uma visão realista, que focaliza São Paulo como palco onde se confundem incessantemente vida e morte, construção e destruição, progresso e ruína... No poema, a viola de Mário, inicialmente apresentada como "bonita" e "namorada", transforma-se - quanto mais se aproxima da capital - em "ferida" e, finalmente, "quebrada":

Minha viola quebrada
Raiva, anseios, lutas, vida,
Miséria, tudo passou-se

* Mestrando em Literatura Brasileira na FFLCH-USP e Professor-pesquisador da Escola do Futuro (ECA-USP).

Em São Paulo.

Se a estrofe resume o passado do poeta (o único verbo existente está no pretérito), o presente está retratado no poema seguinte, em que, mergulhado nas noites e nas manhãs paulistanas, o sujeito olha a cidade e nela se vê, reflexo metonímico, parte do todo. Em curiosa inversão simbólica, a noite carrega menos elementos negativos - por escondê-los nas trevas - do que o dia, o qual, desvendando os "corpos flácidos" que perambulam pelas ruas, transforma a "luz sinfônica" em "marchas fúnebres".

Não apenas o jogo de luz e sombra é importante na constituição do ponto de vista que constrói os textos, mas principalmente a dicotomia espacial perto/longe. Turvada a visão pela distância e pela garoa ("Timbre triste de martírios"), tudo e todos se confundem: negros viram brancos, assim como pobres são tornados ricos; contudo, de perto, a imagem da capital paulista reveste-se de uma pele realista e a voz que ressoa é a de quem está inserido na cidade e não a de alguém que de longe dela se orgulha. O modo de ver desejado pelo poeta aparece sintetizado em um dos versos da Lira:

Garoa, sai dos meus olhos.

A mesma sensação de fragmentação que já levava Mário de Andrade a afirmar "Sou trezentos, sou trezentos e cincoenta" contamina seu olhar: São Paulo desdobra-se em cacós, os quais, no conjunto do livro, acabam por constituir um verdadeiro painel em mosaico da cidade. O olhar poético começa, então, a fotografar paisagens pelas quais passamos diariamente, normalmente desatentos, ocasionando ora instantes marcados pela lembrança autobiográfica e passadista, ora momentos de pendor reflexivo, em que se tecem considerações acerca do futuro.

O primeiro cartão-postal sob forma de poema retrata a Rua Barão de Itapetininga, com as demais "Ruas do meu São Paulo" servindo de moldura, tendo ao fundo os acordes do músico Camargo Guarnieri. Pela Barão passeia a mulher amada, namorada confundida com todas as moças, em meio a tantos "corpos, corpos, corpos/enfermos e agitados".

Já a Praça da Sé mostra-se como palco privilegiado para exaltadas manifestações contestatórias, de horror ao "Nazismo infame", e espaço em que se denunciam os "crimes que o estrangeiro/Tem". Local de confissão por excelência, ergue-se a catedral "que nunca se acaba", construção "horrível/Feita de pedras bonitas" na qual o "sacro e o profano" mesclam-se em falsa e pétreia imagem de eternidade. Mas, destituído de sua função, é o templo mero corpo sem alma, destinado ao mesmo fim de tudo o que é só concreto: a ruína.

Em um contexto autobiográfico, na parede da memória, as ruas Aurora (onde Mário nascera) e Lopes Chaves (na qual morava então), juntamente com o Largo do Paçandu (local por ele freqüentado em sua mocidade), reconstruem

o centro velho da metrópole, com o qual o poeta compartilha os efeitos da passagem dos anos e onde confessa o desejo de "ser esquecido e ignorado/Como esses nomes de rua". Se é verdade que o olhar constrói o visto, a memória, por vezes, o refaz, desfazendo-o...

Completam o "cenário insatisfeito" a "estação cinquentenária" - promessa de luz, expressa já no nome, aos esperançosos nordestinos que nela aportam diariamente - e o arco da Ponte das Bandeiras, sob a qual flui lentamente o Tietê, rio contraditório que se afasta do mar e adentra na terra dos homens, com sua "viscosidade oliosa", "água noturna" ("noite líquida"), "caminho de morte". Sobre ele o poeta medita e nele literalmente se espelha, "coração devastado", alma também tomada por "germes insalubres", induzido pelas águas "abjetas e barrentas" a afundar no sofrimento, desistente da "felicidade deslumbrante", impedido de assumir-se "melancólico e frágil" e de criar um rio novo de lágrimas, ainda que "sujado/De infâmias, egoísmos e traições":

Fazendo de mim uma trama onde a aranha
insaciada
Se perdeu em asco e polem, cadáveres e
verdades e ilusões.

Montado o painel, composto o cenário, desponta, entre os difíceis edifícios, o homem-poeta-paulistano, questionando seu anterior "orgulho máximo de ser paulistamente" (verso escrito nos anos vinte, em Paulicéia desvairada), repensando sua presença no espaço-tempo, refletindo sobre sua existência, buscando pelas ruas paulistanas e pelos poemas que as retratam sua imagem avessa, o "insofrido", aquele que consegue não sofrer apesar do nada em que está também imerso, cidadão-comum que é...

E os frutos da desilusão acumulam-se sobre as ruínas inevitavelmente construídas: a dúvida quanto ao valor do objeto cantado ("Eu nem sei si vale a pena/Cantar São Paulo na lida"), as interrogações de cunho existencialista ("Isso é vida?"), o desejo de esquecer e ser esquecido, mais a crença de que se a felicidade existe está do outro lado do cais ("Eu vou-me embora, vou-me embora") ou nos braços de uma amada sempre inatingível, perdida em um futuro que nunca virá ("!/.../ a conclusão do meu corpo/No leito/Duma cabeleira pesada.").

Os poemas de Mário são, mais que um testemunho, um grito a lembrar que, apesar do esplendor ilusório e da grandeza da cidade, sempre restam à sombra os solitários, aqueles que sabem não ter vindo ao mundo para ser pedra...

2. A cidade na sala

Afirmar que a obra de Mário de Andrade oferece inúmeras possibilidades de uso didático graças à sua temática sempre atual e a seu estilo acessível aos estudantes de segundo grau é, no mínimo, redundante. Portanto, nosso ensaio pretende, antes, oferecer uma sugestão prática aos professores, visando, inclusive, a romper parcialmente as barreiras que se opõem ao trabalho interdisciplinar.

Os poemas de Mário de Andrade que focalizam São Paulo podem ser utilizados, por exemplo, em aulas de literatura sobre o Modernismo, salientando-se a temática do cotidiano e a despreocupação com a rigidez da métrica. Aos professores que contem com maior disponibilidade de tempo, sugere-se também a aproximação entre os textos de Lira Paulistana e os de Paulicéia Desvairada, interessante ilustração para discussões sobre o "Prefácio Interessantíssimo" e as idéias estéticas do começo do século. Em aulas de redação, utilizando-os como textos-estímulo para oficinas de poesia, ou mesmo como temas para textos dissertativos (São Paulo ontem e hoje; Progresso: prós e contras; O desaparecimento da identidade no desenvolvimento urbano etc) ou descritivos (é possível, ainda, extrair trechos dos poemas que exemplifiquem as diferenças entre descrição estática e dinâmica, descrição subjetiva e objetiva...).

Pode-se propor aos alunos a elaboração de pequenos manuais/guias turísticos, com o uso de fotografias e paráfrases dos poemas, retratando os diversos locais descritos pelo poeta, e trabalhos de pesquisa toponímica, para descobrir a origem dos nomes das ruas e praças retratadas. Professores de Geografia poderiam complementar os trabalhos, orientando os alunos a confeccionarem mapas do centro de São Paulo, os quais acompanhariam caricaturas e ilustrações produzidas em aulas de Desenho ou Educação Artística. Já nas de História, poderia ser focalizado o período em que o poeta escreve seus textos: a Segunda Guerra Mundial, o governo militar, a modernização de São Paulo etc.

Dessa forma, talvez, a literatura possa passar, gradativamente, a ser vista não como enfadonho objeto a ser vencido e consumido para obtenção de nota, mas como instrumento de reconhecimento da vida, retrato e produto da imersão do sujeito no mundo.

Abstract:

This essay makes the same literary trajectory which Mario de Andrade once made through the streets of São Paulo, now focusing the poems of Lira Paulistana, book published after the poet's death.

Keywords:

Brazilian Modernism; modernist poetry; Mario de Andrade; São Paulo.